

REPERCUSSÕES DO RELACIONAMENTO CONJUGAL NA COPARENTALIDADE EM FAMÍLIAS INTACTAS

ALLANA GESSIELE MELLO-SILVA ¹, CLARISSA MOSMANN ²

¹ Allana Gessiele Mello-Silva, Psicologia, Unisinos

² Clarisse Mosmann, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Unisinos



UFRGS
PROPESQ

XXV SIC
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

INTRODUÇÃO

Nas famílias, com o nascimento dos filhos é preciso que se inicie uma nova estruturação, uma vez que este casal terá de assumir os novos papéis que surgirão, constituindo-se a relação coparental (união de dois adultos que trabalham juntos para o desenvolvimento de uma criança) (Prati & Koller, 2011). Neste processo algumas famílias apresentam mais dificuldades em adaptar-se ao novo funcionamento, podendo resultar em menores níveis de saúde familiar (Prati & Koller, 2011). As pesquisas indicam que a coparentalidade, em famílias intactas, é interdependente de outros subsistemas familiares, mais concretamente do subsistema conjugal e parental, sendo a dinâmica interacional entre os mesmos essenciais para as trajetórias adaptativas dos filhos (Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010). Estudos atuais mostram que a qualidade da relação coparental de um casal é, até certo ponto, previsível de acordo com a personalidade dos parceiros e características do relacionamento conjugal, isto aponta a necessidade de uma maior compreensão das relações existentes entre a conjugalidade e a coparentalidade visando obter subsídios de prevenção a futuras dificuldades no âmbito familiar (Van Egeren, 2003). Devido a isso, este estudo teve por objetivo analisar as possíveis relações entre conjugalidade e a coparentalidade em famílias intactas.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo descritivo de caráter quantitativo e transversal, com 200 sujeitos (100 homens e 100 mulheres), com idade média de 41,81 anos (DP= 7,82), residentes no estado do Rio Grande do Sul. Dentre os sujeitos, 81,5% são casados oficialmente e 18% estão em união estável, e o tempo médio de casamento é de 18,26 anos (DP=6,68). 91,5% dos casais possuem entre um e dois filhos. Os participantes foram selecionados pelo critério de conveniência e responderam individualmente os questionários na presença do bolsista de iniciação científica. O instrumento utilizado constituiu-se de um questionário sobre dados sócio-demográficos; Escala de Ajustamento Diádico - DAS (Spanier, 1976 adapt. Hernandez, 2008) e Escala de Relação Coparental - ERC (Feinberg, Brown & Kan, 2012, traduzida por Lamela e Figueiredo, no prelo).

RESULTADOS

A análise descritiva dos dados apontou que, 32,9% dos sujeitos possuem um relacionamento com baixos níveis de ajustamento conjugal, e 67,1% estão em um relacionamento com altos níveis de ajustamento conjugal. Para a análise das relações, realizou-se o teste ANOVA, o qual indicou que na medida geral das tarefas coparentais, há diferença significativa ($p=0,000$) entre casais com maior nível de ajustamento conjugal ($m=128,58$; $dp=11,36$) e menor nível de ajustamento conjugal ($m=115,79$; $dp=14,23$). Ao analisar cada dimensão da escala ERC separadamente, constatou-se que há diferença significativa nas seguintes dimensões:

Menor nível de ajustamento conjugal	Maior nível de ajustamento conjugal
Exposição do filho ao conflito coparental ($p=0,000$; $m=5,41$; $dp=4,89$)	Suporte coparental ($p=0,000$; $m=31,07$; $dp=4,62$)
Competição coparental ($p=0,003$; $m=6,90$; $dp=6,50$)	Proximidade coparental ($p=0,000$; $m=25,88$; $dp=3,89$)
	Acordo coparental ($p=0,000$; $m=19,45$; $dp=4,64$)
	Aprovação coparental ($p=0,000$; $m=32,40$; $dp=4,50$)

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos através deste estudo mostram que casais com maior nível de ajustamento conjugal apresentam maior adaptabilidade quanto às dimensões da coparentalidade, pois estes apresentam médias maiores em relação à dimensões positivas do comportamento coparental, conforme descrito na tabela acima. Os dados sustentam uma relação positiva entre a qualidade conjugal e a coparentalidade em famílias intactas. Estas interações, embora ainda necessitem de mais estudos, endereçam importantes agendas para a saúde mental familiar ao focar a qualidade do relacionamento conjugal como fundamental para o funcionamento familiar, já que se expressa na coparentalidade, a qual têm repercussões comprovadas no desenvolvimento dos filhos. Desta forma é fundamental que seja enfocada como fator de proteção para o funcionamento familiar.

REFERÊNCIAS

- Feinberg, M.E., Brown, L., & Kan, M.L. (2012). A Multi-Domain, Self-Report Measure of Coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12 (1), 1-21.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 13(3), 593-601.
- Lamela, D., Nunes-Costa, R. & Figueiredo B. (2010). Modelos Teóricos das Relações Coparentais: Revisões Críticas. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 15(1), 205-216.
- Prati, L.E. & Koller, S.H. (2011) Relacionamento Conjugal e Transição para a Coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicologia Clínica* (Rio de Janeiro) 23(1), 103 – 118.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.
- Van Egeren, L. A. (2003). Pre-birth predictors of coparenting perception trajectories in early infancy. *Infant Mental Health Journal*, 24, 278–295.



MODALIDADE
DE BOLSA

FAPERGS - PROBIC